Tradução & Comunicação
Revista Brasileira de Tradutores

Nº. 24, Ano 2012

LITERATURAS MAGREBINAS DE EXPRESSÃO FRANCESA: O DESAFIO IDENTITÁRIO DE TRADUZIR O(S) OUTRO(S)

French expression of maghrebian literature: the challenge of identity in translating the other(s)

Maria Angélica Deângeli
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - SJRP/UNESP
deangeli@ibilce.unesp.br

RESUMO

A interrogação sobre o estatuto da língua na qual se escreve é um imperativo para os escritores dos chamados "espaços excêntricos" divididos entre a herança da língua do colonizador e a diversidade dos múltiplos idiomas locais. Escrever nesse contexto é travar um enfrentamento direto com questão da língua, visto que o escritor estabelece com a "língua literária", que nem sempre é sua língua materna nem sua língua nacional, relações extremamente complexas. No caso específico dos escritores magrebinos de língua francesa, podemos afirmar que suas escritas literárias funcionam como uma espécie de tradução do mundo árabe no Ocidente, como uma *mise-en-scène* escritural na tentativa de resgatar o passado colonial, as dilacerações subjetivas e as rupturas identitárias. Desta forma, a partir da análise da obra *La mémoire tatouée*: *autobiographie d'un décolonisé* (1971), do escritor marroquino AbdelKebir Khatibi, procuraremos mostrar como as questões políticas e identitárias inscrevem-se na tessitura do literário com o intuito de traduzir o outro numa dimensão que ultrapassa os efeitos de ordem linguística para se configurarem como um ato de tradução entre as culturas, os povos e, como diria Khatibi, entre as espiritualidades.

Palavras-Chave: literatura; identidade; tradução; arquivo; alteridade.

ABSTRACT

The question regarding the status of the written language is of fundamental relevance for writers of the so-called "eccentric spaces" divided between the heritage of the language of the colonizer and the diversity of multiple local languages. To write in this context is to enter into a direct confrontation with the language issue, which the writer establishes with the "literary language", which is not always their mother tongue or national language, and its complex relationships. In the specific case of Maghrebian writers presenting their work in French, we can say that their literary work is written as a kind of translation of the Arab cultures to Western languages as a written *mise-en-scene* that attempts to rescue the colonial past, the subjective lacerations and the ruptures of identities. Thus, through the analysis of the work *La mémoire tatouée*: *autobiographie d'un décolonisé* (1971), by the Moroccan writer Abdelkebir Khatibi, we aim to illustrate how politics and identity are woven into the literary fabric in order to translate the Other to an extent that exceeds the effects of linguistic order so as to configure it as an act of translation between cultures, peoples, and, according to Khatibi, among spiritualities.

Keywords: literature, identity, translation, archive, otherness.

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 4266
Valinhos, São Paulo
CEP 13.278-181
rc.ipade@aesapar.com

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original
Recebido em: 20/07/2012
Avaliado em: 22/08/2012

Publicação: 30 de setembro de 2012

Em seu livro *La république mondiale des lettres* (1999/2008), Pascale Casanova traça um panorama do que pretende nomear "uma república internacional do campo literário" e, ao colocar em cena as inúmeras variantes que fazem parte desse chamado "jogo literário", chama a atenção para um dado fundamental do referido campo, ou seja, para a trama complexa envolvendo a problemática língua-literatura. Segundo a autora:

> A questão da literatura está evidente e diretamente ligada, embora por laços extremamente complexos, à da língua. O escritor mantém com sua língua literária (que nem é sempre sua língua materna nem sua língua nacional) relações infinitamente singulares e íntimas. Mas toda a dificuldade para pensar as relações entre língua e literatura deve-se à própria ambiguidade do estatuto da língua. (CASANOVA, 2008, p.75).[1]

A interrogação sobre o estatuto da língua na qual se escreve é o principal elemento desencadeador dos vários debates sobre a produção literária dos países comumente chamados periféricos, ou seja, países situados simbólica e economicamente às margens das grandes potências detentoras do capital econômico e cultural difundidos para o "resto do mundo".

Se não se pode negar que esses "espaços periféricos" têm abalado, e de maneira significativa, as convicções do centro – haja vista as recentes manifestações (impactos e desdobramentos) do que ficou conhecido como a "Primavera Árabe" –, muito precisa ser feito se quisermos deslocar ou simplesmente ver alternadas as instâncias legitimadoras de produção – e, inevitavelmente, de consumo – literária.

Ainda, de acordo com Casanova, a língua seria, então, o grande instrumento por meio do qual os escritores dos "espaços excêntricos" reivindicariam a legitimidade de suas criações literárias. Somente em seus enfrentamentos diretos com a questão da língua tais escritores poderiam expor o universo das estratégias por meio das quais se afirmariam as diferenças literárias. Para Casanova:

> A língua é a aposta maior das lutas e das rivalidades distintivas: ela é a fonte específica com a qual ou contra a qual se inventam as soluções para a dominação literária, o único verdadeiro material de criação dos escritores, permitindo as inovações mais específicas: as revoltas e as revoluções literárias materializam-se nas formas criadas pelo trabalho sobre a língua. (CASANOVA, 2008, p. 359).

A questão da língua torna-se, nesse cenário, um problema político do qual parece difícil desvincular o literário. Outras variantes também entram em jogo: as discussões acerca dos limites do que compreende uma "literatura nacional" e, consequentemente, as reflexões de ordem identitária. Não convém, então, separar um elemento do outro, mas tratá-los, dentro de um mesmo campo, em suas especificidades. No entanto, num domínio marcado por tantas complexidades, caberia ainda perguntar o que significa, de fato, a

[1] Todas as traduções dos excertos em francês são minhas, salvo indicação em contrário.

singularidade de cada variável. A resposta não parece simples, e logo que entramos no jogo da escrita somos apreendidos pelas armadilhas de sua tessitura num arranjo que vai do local ao global, do político ao literário, do linguístico ao identitário.

Um discurso que pretende, então, acompanhar os entrelaçamentos de sua composição deve começar a questionar a identidade de sua própria elaboração. Aliás, as questões acerca da noção de identidade, identidade de uma língua, de um povo, de uma cultura, de uma literatura parecem, no momento, ocupar um espaço definitivamente legitimado em vários ramos do conhecimento científico e do senso comum.

Nas imagens e no discurso da mídia, a questão da identidade está visivelmente associada à metáfora da pureza étnica; por toda a parte, delineiam-se programas de (in)formação sobre problemas, bastante imprecisos, que dizem respeito à globalização das identidades, à limpeza racial, ao perigo da contaminação linguística e, também, humana.

A preservação das diferenças locais passou, no contexto do mundo globalizado, a ser vista como o embrião (de)ge(ne)rador dos conflitos étnicos. A identidade foi, então, relegada ao campo de uma idealizada pureza originária de raízes ou de redes de relações estáveis, num dado espaço. Facilmente confundiu-se a noção de identidade com os (pre)conceitos de origem pura de uma raça, de uma cultura, de uma língua, logo, de uma literatura.

Em nome de uma luta potencialmente perigosa e ideologicamente oculta, o discurso sobre a identidade parece rolar no vazio do senso comum, na falta de uma conceituação que lhe seja própria e vinculada à situação da qual provém.

Num momento de grandes transformações tanto no campo da economia e da política, quanto no campo das ciências, das tecnologias e das artes (provas de tais fenômenos são as rupturas e bifurcações no campo epistemológico, a coexistência de múltiplos paradigmas conceituais e teórico-metodológicos, entre outros), o paradigma da globalização legitimou-se como "imperativo categórico" de tantos outros sintagmas e implicou a exclusão necessária do conceito de diferença.

A questão parece, no entanto, paradoxal. Por um lado, investe-se numa empreitada mítica, na tentativa de globalizar o planeta; por outro, criam-se fronteiras, reais e simbólicas, com o intuito de preservar o que é local. O que nos resta a dizer é que nem os esforços planetários de uns nem as lutas viscerais de outros impedem o movimento de errância, próprio à nossa condição de ser-no-mundo.

Nesses movimentos de errância identitária, a literatura, ouvida de suas margens, dos "espaços excêntricos" de produção, como assinala Casanova (2008), parece ter sido

um lugar de acolhida para muitos escritores que só puderam encontrar morada numa língua outra, com identidades também outras, praticando o jogo inevitável e sempre arriscado da diferença e da tradução.

O fenômeno de escrever numa outra língua, que não a língua nacional, a língua das supostas identidades enraizadas e legitimadas numa tradição, aparece como uma questão secundária na perspectiva dos estudos literários, ou seja, questão subordinada à noção de originalidade de uma obra, aos mecanismos políticos e disciplinares que ditam as regras de legitimação de uma língua nacional e da literatura que nela se produz, enfim, aos inúmeros interesses acadêmicos que reivindicam o direito de decidir o que é relevante ou não nós e para os estudos literários.

No entanto, a estranheza ou a familiaridade da língua na qual se escreve, o estranhamento familiar e o "familiarmente estranho" apontam para questões que dizem respeito diretamente à relação sujeito-escritura, relação fundamental na constituição da trama literária: o que se diz na língua com a qual (se) diz. A língua aparece, nesse contexto, como suporte da lei e objeto de uma lei que autoriza e interdita as formas do dizer e cria, desse modo, os lugares de legitimidade literária. O lugar da língua na literatura (e da literatura na língua) ou a literatura como uma experiência outra, como diz Derrida, a experiência "da obra e da língua, da obra da língua" (2000, p. 63), não se dissocia da reflexão sobre os lugares institucionais que circunscrevem uma ou outra ou uma e outra, a saber, a língua e a literatura, para muitos, as margens e o centro, como objetos de estudo.

Se concordamos com Casanova para quem a língua está no "centro" do debate literário principalmente no que diz respeito às criações de escritores provenientes de "espaços excêntricos", ou seja, de países que há pouco (ou há muito) conseguiram livrar-se de seu jugo colonial, o objeto de nosso estudo – as literaturas magrebinas de expressão francesa – parece oscilar entre o centro e a margem, desfazendo, de maneira paradoxal, qualquer ilusão dialética que pretenda encerrá-lo num campo ou noutro, a saber, nas margens ou no centro, na interrogação sobre a língua ou na discussão acerca do literário.

Partimos, então, do pressuposto de que esse objeto se tece num *continuum* que abarca os diversos elementos que entram em jogo na constituição do campo literário. Trata-se de um objeto selado desde sempre pela injunção de um "entre": um literário entre-as-línguas, entre-as-culturas, e atravessado pela história das colonizações, ou seja, uma história que marca e "re-marca" e, muitas vezes, dilacera a própria história individual.

Tahar Ben Jelloun, escritor marroquino de língua francesa, afirma que, para alguns escritores, o fato de não terem necessariamente escrito numa língua considerada materna, ou o fato de terem circulado entre as línguas, não lhes ofuscou nem os caminhos nem as escritas. Dentre os eleitos, ele cita Samuel Beckett, Emile Cioran, Eugène Ionesco, Franz Kafka entre outros. O problema da legitimidade língua-literatura coloca-se, de acordo com Ben Jelloun, para aqueles escritores comumente chamados "metecas", aqueles que são obrigados, de maneira quase incessante, a dizer o porquê de suas escritas na língua do outro. Como ele próprio afirma:

> Aqueles para os quais apontamos com o dedo, aqueles que precisam se justificar, mostrar os documentos, aqueles para os quais olhamos com suspeita são os "metecas", felizes por cultivar este jardim francês, um imenso jardim público onde crescem todas as flores, sem falar das ervas daninhas, ingredientes indispensáveis para uma boa literatura. (BEN JELLOUN, 2007, p. 118-119).

Não se trata, evidentemente, como assinala Ben Jelloun, de colocar numa mesma ordem político-literária (no caso de escritores de língua francesa), autores como Samuel Beckett, Edmond Jabès, Aimé Césaire, Edouard Glissant, Ahmadou Kourouma, Kateb Yacine, Assia Djebar, Abdelkhebir Khatibi, entre outros. As supostas razões que levaram uns e outros a escrever em francês implicam uma empreitada político-colonial que ultrapassa as fronteiras de um entendimento que se reivindicasse meramente literário, um "literário intramuros", se tal saber sobre a literariedade das letras pudesse encerrar-se na dita definição. O que se coloca em questão quando evocamos autores não-franceses de língua francesa, autores de expressão francesa, escritores que experimentaram a tarefa de escrever na língua do outro, é a ideia simplista de que se possa falar, de maneira uníssona, em nome de uma "pátria francófona", de um território bem sucedido do que se convencionou chamar francofonia.

Se o questionamento sobre o que uma suposta noção de francofonia pode abarcar não é recente – vários estudiosos, interessados nas produções literárias e culturais de expressão francesa já se interrogaram sobre os limites e impasses do referido conceito – cabe lembrar que o dissenso é de regra, quando se tenta reunir sob a mesma etiqueta (a de francofonia), e de maneira cômoda, escritos e escritores oriundos de horizontes tão díspares.

Lise Gauvin, escritora quebequense e especialista em literaturas francófonas, questiona, em vários de seus trabalhos, a suposta unidade que a noção de francofonia parece comportar. Desta forma, Gauvin pergunta-se:

> O que há de comum, de fato, entre a situação do escritor do Quebec, dividido entre o uso habitual do francês, o quebequense vernacular e o inglês tão próximo, e o romancista da África, obrigado a traduzir as palavras de sua língua materna numa outra língua, no entanto [língua] nacional, entre o escritor da Bélgica, para quem o francês é a língua "natural", e o Antilhano dividido entre o substrato crioulo e o francês veicular? (GAUVIN, 1997, p. 111).

O que evidenciamos, de fato, quando evocamos as questões de língua e de literatura implícitas numa suposta ideia de francofonia é, de certo modo, um julgamento de valor que distingue os escritores não-franceses que escrevem em francês, os "francófonos", dos escritores franceses *tout court* (simplesmente), logo, escritores originariamente de língua francesa. Estabelece-se, assim, uma ordem de pensamento em que o valor da "francidade" da escrita é determinado pelos que fazem parte desta última categoria, a saber, os escritores franceses.

A seguir esse raciocínio, perseguiríamos os caminhos duvidosos da busca de uma essência absoluta do ser-escritor e de seus atributos, numa cena totalmente dedicada ao culto da origem: a origem do escritor, a origem da língua, a origem do literário, enfim, travaríamos um enredo genealogicamente orquestrado em função daquilo ou daquele que está mais perto de ser a origem do modelo, no caso especifico de que falamos, tratar-se-ia dos escritores franceses da França.

A francofonia, desse ponto de vista, se definiria a partir de um "dentro" da língua, da literatura, da cultura, da cidadania, etc., e poria (e exporia, ao mesmo tempo, numa espécie de aporia) literalmente à margem os que não podem (os "de fora") constituir-se em modelo (o "dentro") de língua e de literatura. Se, na equação derridiana, o fora é o dentro e deve ser entendido em sua rasura (*le dehors est le dedans*, DERRIDA, 1967, p. 65), como ler os limites dessa noção a não ser nas margens, a partir das margens, ou à margem de qualquer limite?

É nesse contexto, num discurso que opera o dentro-fora da língua, que situamos, então, a obra do escritor marroquino Abdelkebir Khatibi. Em minha tese de doutorado[2] trabalhei a questão da língua e da literatura a partir do diálogo Derrida/Khatibi, mais precisamente a partir do entrecruzamento de duas obras que se (co)respondem tanto pela temática quanto pela problemática abordadas, trata-se de: *Amour Bilingue* (1983/1992), de Abdelkebir Khatibi, e de *Le monolinguisme de l'autre* (1996), de Jacques Derrida.

Como parece difícil nos desvencilharmos desses objetos/sujeitos que marcam nossas escritas e nossas vidas, tenho me dedicado à (re)leitura de Khatibi na tentativa de recuperar, no conjunto de uma obra extensa e bastante significativa, alguns elementos que podem ter passado despercebido num primeiro momento, sabendo, entretanto, de antemão, que essa busca pela compreensão "plena" do outro é não somente impossível quanto desprovida de interesse.

[2] Tese de doutorado defendida em 2010 na UNESP de São José do Rio Preto, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Siscar, e intitulada "A literatura na língua do outro: Jacques Derrida e AbdelKebir Khatibi".

Nesse movimento de busca e descoberta que não deixa de ter algo de arqueológico – pois buscamos sempre algo em algum lugar, algo que, como diria Derrida, está relacionado a *arkhe*, vocábulo de origem grega que nos remete à ideia de começo e à lei que comanda esse começo[3], logo, a *arkhe* como designativo de um lugar chamado arquivo –, é, pois, nos arquivos de Khatibi, que não deixam de ser arquivos de Derrida, que nos deparamos, então, com a obra *La mémoire tatouée: autobiographie d'un décolonisé* (1971).

Adentramos, assim, o domínio, por vezes sombrio e inapreensível, da memória que, sem se confundir com o arquivo, oferece a este, no momento de sua falência originária e estrutural, matéria para muito trabalho de arquivação e de tradução, pois aquilo que foi arquivado, o "arquivável", só pode ser recuperado graças a um processo de deciframento e de tradução; poderíamos dizer que a questão do arquivo é uma questão que se coloca ao outro, que se projeta e se realiza na alteridade. Ainda, de acordo com Derrida, o conceito de arquivo se configura na dimensão de uma ordem aporética, abrigando em si mesmo a memória do vocábulo *arkhe* e protegendo-se, no entanto, dessa memória que ele abriga (1995, p. 12), ou seja, o arquivo guarda, acumula, armazena, mas apaga ao mesmo tempo; abriga e rejeita num só ato, numa operação segundo a qual "há sempre mais de um – e mais ou menos que dois" (p. 12).

Se estendermos esse raciocínio ao problema que se nos coloca diante daquilo que nomeamos "original" no em-curso-de uma tradução, podemos inferir que para recuperar sua pretensa unidade o original fica à espera da contra-assinatura do outro, seu provável tradutor, aquele que decifra o arquivo, decodifica seus traços, recupera suas marcas, refaz os seus rastros, abriga-o para oferecê-lo ao outro, num exercício contínuo de recuperação, de reconhecimento e de dom. O tradutor nos doa seu arquivo, mas este deve trazer as marcas de sua "impressão"; à maneira das memórias retraçadas por Khatibi, ousamos dizer que o arquivo tradutório deve também ser "tatuado" por seu tradutor. Nessa operação de tatuagem, inscrevem-se o desejo do armazenamento, da perpetuação do traço e o risco inevitável do apagamento; operação também aporética de acumulação e de subtração na qual se veem oscilar o "mais de um" e "o mais ou menos que dois".

Retomemos, então, o título da obra de Khatibi, *La mémoire tatouée: autobiographie d'un colonisée*, que nos livrará a alguns exercícios aporéticos de tradução.

---

[3] Em sua obra *Mal d'archive: une impression freudienne* (1995), Derrida consagra-se a uma análise detalhada do vocábulo arquivo, remetendo-o à questão de sua origem etimológica e filosófica. De acordo com o filósofo, a palavra *arkhe* nomearia ao mesmo tempo o "começo" (*le commencement*) e a "lei" (*le commandement*), o que o leva à seguinte afirmação: "Esse nome [*arkhe*] coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio segundo a natureza ou a história, *lá onde* as coisas começam – princípio físico, histórico ou ontológico –, mas também o princípio segundo a lei, *lá onde* homens e deuses comandam, onde se exerce a autoridade, a ordem social, *nesse lugar* a partir do qual a *ordem* é dada – princípio nomológico" (DERRIDA, 1995, p. 11).

A memória tatuada: autobiografia de um descolonizado aponta desde o título (ou a partir desse título, "nesse lugar" nomeado título[4]) para várias dificuldades que merecem ser interrogadas. A primeira compreende a questão relativa à memória e o ato de tatuar, de gravar, de fazer ou deixar marcas, de arquivar algo na memória, algo que, pelo fato mesmo de estar tatuado, deve conservar seus traços, o que nos faz pensar que se trata de uma memória com vocação anamnésica, contrária à fragilidade hypomnésica[5] do arquivo. Mas atentemos para o fato de que é a memória, e não o corpo, que se entrega à arte da tatuagem; como nos lembra Khatibi, num breve comentário sobre o título de seu livro:

> A tatuagem é uma marca indelével no corpo. No Marrocos, no corpo feminino em particular. Para os meninos, reserva-se o ritual da circuncisão. Mas eu não podia dar ao meu livro o título de *A memória de um circunciso*, acho que não isto seria bem visto. Num caso como no outro, trata-se de uma marca simbólica entre o corpo e a lei. Aqui, é um sinal de reconhecimento e de identidade de minha própria ferida com relação ao mundo e ao seu significado. (KHATIBI, 1999, p. 73)

Não bastasse o narrador-personagem fazer apelo a uma "memória tatuada" – que pode ser lida, à primeira vista, como a autobiografia de um determinado sujeito, no caso o sujeito-autor a quem chamamos Khatibi, como o próprio título sugere –, é preciso ainda dizer que tal "memória tatuada" é, sem o ser de fato, a autobiografia de um descolonizado. É interessante notar aqui o jogo entre a "impressão", no sentido derridiano daquilo que deixa sua marca, que se imprime como marca, no caso, a memória tatuada, e o processo de descolonização sugerido por Khatibi. Não se trata de um ex-colonizado, mas de um descolonizado. Se levarmos em consideração que o prefixo "de" – do latim *dis* – remete, entre outros, à noção de distanciamento, de separação e de privação, somos apreendidos a partir da leitura desse título (o título da obra) numa trama complexa cujos elementos parecem não se resolver no decorrer da narrativa: estamos divididos, assim como seu autor-narrador-personagem, entre aquilo que permanece sem permanecer, marca sem marcar, rememora sem se lembrar, enfim, abriga mas recusa, armazena mas apaga, fala de si para falar do outro ou fala do outro ao falar de si.

Essa memória autobiográfica traduz em si mesma uma multiplicidade de gêneros que vão desde a prosa poética, o relato autobiográfico passando pela escrita teatral. Nos dois capítulos finais do livro entram em cena dois personagens "fictícios" que em muito nos fazem lembrar o teatro do absurdo de um Ionesco, por exemplo; não por acaso, tais

---

[4] No que se refere às questões envolvendo a problemática de um título e do que se "diz" a partir dessa nomeação, remetemos à obra *Demeure* (1998), de Jacques Derrida.

[5] A esse respeito Derrida (1995) diz: "Não se pode nunca esquecer esta distinção grega entre, de um lado, *mneme* ou *anamnesis*, *hypomnema*, de outro. O arquivo é hipomnésico. Notemos aí um paradoxo decisivo (...) mas que condiciona todo este propósito: se não há arquivo sem consignação em algum *lugar externo* que assegura a possibilidade da memorização, da repetição, da reprodução ou da re-impressão, lembremo-nos também de que a própria repetição, a lógica da repetição, até mesmo a compulsão de repetição permanece, de acordo com Freud, indissociável da pulsão de morte; logo, da destruição. Consequência: aquilo que permite e condiciona o arquivo não é nada mais do que aquilo que o expõe à destruição, de fato, ameaça-o de destruição, introduzindo *a priori* o esquecimento e o arquiviolítico no coração do monumento, na memorização (*par coeur*). O arquivo trabalha sempre e *a priori* contra si mesmo" (DERRIDA, 1995, p. 26-27).

capítulos intitulam-se na sequência: "Duplo contra duplo" e "Variações sobre a diferença".

Nessas variações e diferenças, nesses desdobramentos identitários e "impressões" é que devemos apreender os escritos de Khatibi, sujeito dividido entre seus mundos e seus pertencimentos, suas línguas e suas escritas, seu Ocidente e seu Oriente; divisão por vezes desejada, mas também sofrida e imposta, o que leva o narrador dessas memórias a dizer:

> Amar o outro é dizer o lugar perdido da memória, e minha insurreição, que, num primeiro momento, era somente uma história imposta, perpetua-se numa conformidade resignada, pois o Ocidente é uma parte de mim que só posso negar na medida em que luto contra todos os ocidentes e orientes que me oprimem e me decepcionam. (KHATIBI, 1971, p. 68)

A partir dessa divisão inaugural e originária – divisão que inaugura o sujeito e sua escrita – é que se coloca o problema da tradução em e para Khatibi. O escritor oscila entre a língua do Oriente que, por sua vez, se divide entre o falar materno e a língua da lei (islâmica) – língua da escritura sagrada, e a língua do Ocidente, que para ele é a escrita em língua francesa. Essa divisão não se faz sem rupturas e dilacerações, ela não acontece sem deixar marcas tatuadas no corpo e na memória. Mas apesar de tudo o escritor entrega-se à aventura da escrita, a escrita na língua do outro, escrita que se transforma quase em obsessão do escrever bem, como nos confessa o autor: "Tínhamos que escrever, escrever bem se tornava nossa técnica terrorista, nosso lugar secreto. (...) Eu me tornei escritor público.../A poesia fez o resto" (1971, p. 53).

Por mais paradoxal que possa parecer é graças a essa língua de escritura – língua escrita – que o personagem-narrador de *A Memória tatuada* opera inúmeros deslocamentos sintáticos, históricos e literários em seu texto. Essa língua da memória que foi "impressa", que se transformou em arquivo, representa a chance de uma deriva que institui todo pensamento como tradução ou todo pensamento em tradução, pois, para Khatibi, escrever é traduzir, traduzir-se, dizer o abismo das línguas no "cerne do intraduzível", do quase indizível, como ele próprio o afirma:

> *Arrière-pensée* extravagante, que não me abandona nunca. Ela se impõe neste toque: que toda língua seja bilíngue! Assimetria do corpo e da língua, palavra e escritura – no cerne do intraduzível. (KHATIBI, 1992, p. 11).

O intraduzível, em e para Khatibi, reproduz uma história assimétrica balizando o campo que vai do "um" em direção ao outro: da fala para a escrita, do árabe para o francês, do materno para o estrangeiro, do Oriente para o Ocidente, da língua para o corpo, do um para o duplo, num toque que anuncia o pensamento dissimulado da língua – "que toda língua seja bilíngue!" Línguas que se comunicam, apesar de tudo, na

permutação de um "amor intraduzível a traduzir" e que se evocam em ato e como ato de tradução.

Enfim, só nos resta dizer que não há como ler Khatibi sem se entregar ao desafio identitário que se nos impõe essa leitura do outro, do completamente outro (*le tout autre*), como tantas vezes nos sugeriu Derrida.

Khatibi marca seu estilo pela poética do "entre", como se escrevesse sempre num movimento de "hifenização", nos interstícios de alguma identidade por vir, no rastro de um traço-de-união, como ele próprio o diz:

> Escritor sem arquivo, eu discutia com paixão cultura nacional, identidade ou ausência de identidade, revolução e islã, e como todo grupo de francês tinha lá seu "serviçal" árabe (*arabe de service*), ouviam-se intermináveis confissões. O tal árabe dizia: "Eu sou um traço-de-união entre o Ocidente e o Oriente, o cristianismo e o islã, a África e a Ásia", e nem sei mais o que! Pobre árabe, veja só onde você se encontrava, reduzido a uma série de traços-de-união! (KHATIBI, 1971, p. 79)

Embora se considerasse um escritor sem "arquivo", é nos rastros de sua escritura, traduzida, transformada em outra, transportada para o Ocidente, que descobrimos um autor cujo papel principal é o de atuar como "tradutor" dos espaços que ocupa, tradutor mais exatamente na confluência do Ocidente e do Oriente, exímio intérprete das questões situadas na vertente do "entre" – responsabilidade que ele, de fato, nunca deixou de assumir:

> Pouco a pouco, no decorrer dos anos, essa palavra exerceu sobre mim um poder extensivo. Suas possibilidades de noção ativa e de conceito guiaram-me em direção a uma busca que não diz respeito somente à literatura, mas pretende ser uma ética da imanência, nas relações interpessoais, ou, ainda, nos lugares de passagem e de resistência em que vivem os homens, quando são confrontados ao encontro mestiço entre as culturas, entre os países, entre as sociedades, entre as espiritualidades. Enfim, a questão do *inter*. (KHATIBI, 2008, p. 126)

REFERÊNCIAS

BEN JELLOUN, Tahar. La cave de ma mémoire, le toit de ma maison sont des mots français. In: LE BRIS, M.; ROUAUD, J. (Org.). **Pour une littérature-monde**. Paris: Gallimard, 2007. p. 113-124.

CASANOVA, P. **La république mondiale des lettres** (1999). 2 ed. revue et corrigée. Paris: Seuil, 2008, 510 p.

DEANGELI, M.A. **A literatura na língua do outro: Jacques Derrida e Abdelkebir Khatibi**. 2010. 202f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Universidade Estadual Paulista «Júlio de Mesquita Filho», São José do Rio Preto – SP, 2010.

DERRIDA, J. **De la Grammatologie**. Paris: Minuit, 1967, 448 p.

_____. **Mal d'archive:** une impression freudienne. Paris: Galilée, 1995, 157 p.

_____. **Le monolinguisme de l'autre:** ou la prothèse d'origine. Paris: Galilée, 1996, 137 p.

_____. **Demeure:** Maurice Blanhot. Paris: Galilée, 1998, 144 p.

_____. Littératures Déplacées. **Autodafe***:* Revue du Parlement International des Écrivains, Paris, n. 1, p. 61-63, 2000.

GAUVIN, Lise. Littératures visibles et invisibles. **Études françaises**, v. 33, n. 1, p. 111-113, 1997.

KHATIBI, A. **La mémoire tatouée:** autobiographie d'un décolonisé. Paris: Denoël, 1971, 112 p.

_____. **Amour Bilingue** (1983). Maroc: Eddif, 1992, 131 p.

_____. **La langue de l'autre.** New York/Tunis: Les mains secrètes, 1999, 95 p.

_____. L'aimance et l'invention d'un idiome (2008). In: _____. **Oeuvres de Abdelkebir Khatibi**: II Poésie de l'aimance. Paris: Éditions de la Différence, 2008, p. 125-143.

Maria Angélica Deângeli

Professora da área de francês do Departamento de Letras Modernas na UNESP/São José do Rio Preto/SP. Possui mestrado em Linguística Aplicada pela Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, e doutorado em Teoria da Literatura pela UNESP/SJRP. Tem se dedicado ao estudo de pensadores franceses contemporâneos, interessando-se principalmente pelos escritos de Jacques Derrida, Jean-Luc Nancy e Marc Crépon. Seu projeto de pesquisa atual compreende o estudo das literaturas magrebinas de expressão francesa e a questão da tradução, ambas analisadas sob um viés político, ético e identitário.